

Dentro da noite, de João do Rio: crime e medo na metrópole moderna**Dentro da noite, by João do Rio: crime and fear in modern metropolis**

Sabrina Ferraz Fraccari¹
Universidade Federal de Santa Maria

Pedro Brum Santos²
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

Este artigo analisa o conto “Dentro da noite”, de João do Rio (1881-1921), considerando as relações estabelecidas entre a narrativa e as ficções de crime, populares no período 1870-1920, bem como com a estética decadentista, influência marcante para a literatura do escritor carioca. Com base em Miguel-Pereira (1973), Mendes (2017), Barbosa (2010), El Far (2004), Kalifa (2019), Porto (2009), entre outros, promovemos um diálogo entre a profissionalização dos escritores junto à consolidação da imprensa, a relação dos intelectuais com os romances de sensação, livros muito procurados pelos leitores no período em questão e, ainda, a ascensão do sensacionalismo popular, no qual o crime torna-se o grande protagonista. Em nossa leitura, no conto “Dentro da noite”, João do Rio emprega elementos das ficções de crime e dos romances de sensação – um criminoso, um crime e uma atmosfera de medo –, ao mesmo tempo que, influenciado pelo Decadentismo, empreende uma análise psicológica das personagens, a fim de compreender os motivos para a mudança de comportamento do protagonista da narrativa. Ao fazer isso, o escritor desvincula a imagem de seus escritos das narrativas sobre crimes populares no período, ao mesmo tempo que emprega elementos característicos destas a fim de alcançar maior número de vendas.

Palavras-chave

Literatura brasileira. Decadentismo. Romances de sensação. Contos

Abstract

This article analyzes the short story "Inside the Night", by João do Rio (1881-1921), considering the relationships established between the narrative and crime fiction, popular in the period 1870-1920, as well as with the decadentist aesthetic, a marked influence on the literature of the Rio de Janeiro writer. Based on Miguel-Pereira (1973), Mendes (2017), Barbosa (2010), El Far (2004), Kalifa (2019), Porto (2009), among others, we promote a dialogue between the professionalization of writers and the consolidation of the press, the

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestra em Letras (Ênfase em Estudos Literários) também pela UFSM. Licenciada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Apoiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6656-9417>. E-mail: sabrina.fraccari@acad.ufsm.br

² Professor titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutor em Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Coordena o Grupo Literatura e História, o projeto de pesquisa Vestígios do tempo: mimese e realismo na tradição narrativa brasileira e o Núcleo Disciplinário Literatura, Imaginários, Estética y Cultura, da AUGM. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8573-2427>. E-mail: pedro.brum@ufsm.br

relationship between intellectuals and sensation novels, books that were highly sought after by readers in the period in question, and the rise of popular sensationalism, in which crime became the main protagonist. In our reading, in the short story "Inside the Night", João do Rio uses elements from crime fiction and sensation novels – a criminal, a crime and an atmosphere of fear – while at the same time, influenced by Decadentism, he undertakes a psychological analysis of the characters to understand the reasons for the change in behavior of the protagonist of the narrative. In doing so, the writer detaches the image of his writings from the crime narratives popular in the period, while at the same time using elements characteristic of the latter to achieve greater sales.

Keywords

Brazilian literature. Decadentism. Novels of sensation. Short stories

Profissionalização dos escritores e expansão do mercado editorial no Rio de Janeiro da Primeira República (1889-1930)³

Paulo Barreto, conhecido pelo pseudônimo literário João do Rio, foi um escritor e jornalista nascido na cidade do Rio de Janeiro, em 1881. Embora considerado o responsável por uma série de modificações no modo como se fazia jornalismo no Brasil, entre eles o ato de flunar pelas ruas observando a cidade para, posteriormente, transformar essas observações em narrativas, o escritor foi, durante décadas, pouco lembrado pela crítica literária. Desde a morte de João do Rio, em 1921, até a década de 1970, quando mencionado por críticos importantes, como Lucia Miguel-Pereira (1973), o escritor era acusado de preferir copiar os estrangeiros em vez de produzir algo original, capaz de merecer ser citado junto aos principais escritores do período 1900-1922. Havia, na perspectiva adotada pela crítica, a identificação de João do Rio com a elite econômica carioca do período, e acreditava-se ter o escritor se aliado a um projeto conservador de sociedade.

Miguel-Pereira (1973), em livro datado de 1950, considera intelectuais como João do Rio, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto e Arthur Azevedo, por exemplo, responsáveis por produzir uma literatura “sorriso da sociedade”, pois, segundo ela, tais escritores

não descem de ordinário às regiões onde moram as dúvidas, nem tampouco se alçam a debater os problemas eternos; a inquietação que de longe deixam transparecer tem sempre um ressaibo artificial. As grandes questões do destino humano interessam-nos menos do que o cotidiano, os dramas menos do que a comédia, esta menos que a fantasia (Miguel-Pereira, 1973, p. 255).

³ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A professora apresenta, nessa passagem, um juízo de valor acerca das produções literárias dos intelectuais citados, e adota perspectiva que se inscreve em uma visão idealizada de arte, advinda de uma concepção clássico-romântica, cuja arte resultaria de disciplina e longa reflexão (Mendes, 2017). Contudo, essa maneira de produção artística, resultante de um imaginário pré-industrial, nas palavras de Mendes (2017), não era mais compatível com o contexto brasileiro da Primeira República, momento em que João do Rio produzia.

A ligação dos escritores com os jornais, que possibilitou a profissionalização dos homens de letras a partir, especialmente, de 1880, os inseriu também em um ritmo de produção muito mais veloz, associado ao modelo capitalista. O intelectual, dessa forma, “produzia nas redações de jornais ou nas mesas dos bares, em meio a outras tarefas simultâneas, com prazos curtos, submetidos a um tempo veloz que era desconhecido dos artistas até então” (Mendes, 2017, p. 207). O escritor, nesse sentido, estava submetido ao modo capitalista de produção, e não podia reproduzir o padrão clássico-romântico idealizado, ou seja, não tinha muito tempo para meditar a respeito de seus escritos, uma vez que seu sustento derivava diretamente de suas publicações.

A ascensão da imprensa carioca rumo à modernização, componente essencial para a profissionalização dos escritores – pelo menos aqueles que se encontravam no Rio de Janeiro, no período entre séculos – teve início a partir de 1880. As tipografias aumentaram e diferentes inovações técnicas possibilitaram a ampliação do número de impressos que, em virtude de aprimoramentos no sistema de transportes e desenvolvimento das linhas férreas, poderiam circular por diferentes espaços, alcançando novos públicos por meio da distribuição feita pelos Correios (Barbosa, 2010).

A possibilidade de maior difusão espacial dos impressos foi um passo determinante para disseminar, pelo menos nas cidades do Rio e de São Paulo, o hábito da leitura:

nas soleiras ou apoiados nos umbrais das portas, debaixo dos postes iluminados, nos bondes, nas praças, ruas e avenidas há, em múltiplas descrições, referências aos leitores. As leituras estão também nos cafés, nos espaços do trabalho, nas salas de visitas das casas. Leituras diversas de uma sociedade já imersa no mundo da impressão (Barbosa, 2010, p. 117-118).

Na cidade do Rio de Janeiro, ao final do século XIX, mais da metade dos moradores poderia ser considerada leitora (El Far, 2004), enquanto em outras regiões do Brasil, cerca de 80% da população não sabia ler. El Far (2004), apoiada em números oficiais, afirma que, no ano de 1890, o Rio de Janeiro possuía pouco mais de 520 mil habitantes e, destes, cerca de 270 mil eram alfabetizados. Dezesesseis anos depois, em 1906, o número de habitantes da cidade alcançava pouco mais de 811 mil, dos quais 400 mil poderiam ser considerados leitores em potencial.

O crescimento populacional do Rio de Janeiro verificado no período entre séculos se deve, em parte, à crescente industrialização da cidade, que resulta em uma série de transformações. A principal delas, no entanto, foi a remodelação estrutural do centro, popularmente conhecida como “bota abaixo” (1902-1906), na qual foram eliminados antigos casarões para construir largas avenidas e praças arborizadas a fim de modificar a então capital republicana de acordo com os moldes de uma grande capital europeia (especialmente Paris).

A cidade tornava-se, naquele momento, o principal “centro político e administrativo do país, impondo-se econômica e politicamente ao restante da nação” (Silva, 2019, p. 127). A crescente importância da cidade do Rio, aliada à industrialização, tornou-a um espaço atrativo para um contingente populacional considerável, que buscava para si um posto de trabalho. Aliado a isso, tem-se a crise da economia cafeeira, que deixou uma série de trabalhadores sem ocupação, entre eles imigrantes, e, ainda, a abolição formal da escravidão, ocorrida em 1888, responsável por levar diversos ex-escravos à cidade também em busca de sustento.

A explosão demográfica do Rio de Janeiro aumentou o número de profissionais liberais e criou uma massa de trabalhadores assalariados, os quais correspondiam a uma gama de novos leitores extremamente atrativa para os livreiros. Esses leitores formavam o grupo que El Far (2004) chamou de “o povo”, denominação escolhida também como uma forma de marcar a oposição social e cultural aos leitores burgueses. Estes tinham predileção por edições de livros em capa dura, em estilo europeu, especialmente francês, provavelmente também como uma forma de satisfazer a sede de distinção desse grupo social que, com a República, ascendia e tomava conta de diferentes espaços de poder.

O grande número de leitores mencionados anteriormente, embora seja difícil precisar se de fato correspondia à realidade, acabou por tornar-se o principal elemento para justificar a expansão do mercado editorial carioca a partir de fins do Oitocentos. Os livreiros, em virtude desse novo mercado consumidor, saíram “da margem dos mil exemplares publicados por título e [apostaram] em cifras bem maiores. [...] um romance de sucesso conseguia vender milhares de exemplares em poucas semanas” (El Far, 2004, p. 13). O sucesso editorial dos livros populares refletia também um outro papel assumido por estes naquele momento histórico: os livros eram considerados “veículos de comunicação e entretenimento” (El Far, 2004, p. 13).

Em tal cenário, “o melhor livro não era aquele que deixava transparecer um estilo refinado de escrita, mas o que mais vendia” (El Far, 2004, p. 12). Assim, editores e livreiros, a fim de baixar os preços dos livros, tornando-os atrativos a mais leitores, investiam em brochuras baratas, produzidas com papel de menor qualidade e impressas em tiragens bem maiores (El Far, 2007). As narrativas de cada livro precisavam também agradar a diferentes gostos, convertendo-se em populares e, com isso, também mais vendáveis.

Dentre os livros de maior sucesso no período, estão os chamados romances de sensação, narrativas carregadas de “dramas emocionantes, conflituosos, repletos de mortes violentas, crimes horripilantes e acontecimentos imprevisíveis” (El Far, 2004, p. 14). A editores e livreiros interessava “fisgar a curiosidade do leitor pela trama sensacionalista” (El Far, 2004, p. 14), prendendo ao máximo a atenção deste e, por isso, era necessário investir

nos mistérios empolgantes trazidos pelos livros de sensação. Vale pontuar que, como dissemos, a crescente industrialização gerava uma massa de trabalhadores cuja rotina diária era repetitiva e, portanto, causadora de certo tédio, que poderia ser espantado com um bom romance capaz de causar sensação.

Diante disso, editores e comerciantes de livros buscavam por

histórias singulares, capazes de provocar no leitor emoções pouco experimentadas na previsível rotina do cotidiano. Logo nas primeiras páginas, as personagens, vítimas de alguma fatalidade, viam-se obrigadas a abandonar a segurança e a tranquilidade de uma vida pacata para mergulhar numa sucessão de acontecimentos dramáticos, repentinos, cheios de aventura, surpreendentes, injustos e sanguinolentos (El Far, 2004, p. 113).

O emprego desses elementos atendia ao principal objetivo de tais romances: entreter o leitor ao oferecer-lhe sensações com as quais não convivia em seu dia a dia e, em contrapartida, aumentar o lucro de editores e livreiros. O destino imprevisível das personagens, que precisavam abandonar a segurança das suas vidas rotineiras e mergulhar no acaso, funcionava como um dos principais elementos de ligação entre a narrativa e os leitores.

No conto “Dentro da noite”, de João do Rio, publicado no livro de mesmo nome, datado de 1910, tal recurso está presente, pois o jovem Rodolfo, protagonista e um dos narradores, é levado a, repentinamente, abandonar seu trabalho e seu noivado com Clotilde, e vagar pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro em busca de moças nas quais pudesse cravar alfinetes. A atividade incomum do rapaz fez com que alguns pesquisadores o classificassem como uma espécie de psicopata, como o fez Sasse (2016), por exemplo, aproximando o conto de João do Rio a um tipo de narrativa que alcançou bastante sucesso em fins do século XIX: as ficções de crime ou narrativas sobre crimes.

É nesse sentido que pretendemos analisar o conto “Dentro da noite” no presente artigo: considerada como uma ficção de crime, a narrativa escrita por João do Rio permite-nos propor um diálogo entre os enredos dos livros populares, a experiência urbana e a tentativa de compreender as ações das personagens de um ponto de vista psicológico, em uma clara influência da estética decadentista, tão importante para analisarmos a obra literária do dândi carioca. Por isso, a seguir, interessa-nos refletir acerca do fascínio exercido pelo crime sobre a sociedade carioca do período entre séculos, e o modo como esse encanto se desdobra no conto “Dentro da noite”, para, na sequência, nos determos sobre a exploração psicológica da personagem Rodolfo a partir de uma perspectiva própria da estética decadentista.

O crime está por toda parte: experiência urbana e sensacionalismo popular

Na crônica “Os mercadores de livros e a leitura das ruas”, publicada em *A alma encantadora das ruas*, João do Rio comenta sobre os sujeitos que vendem livros pela cidade e, com isso, ajudam a disseminar o hábito da leitura. Os vendedores, alguns analfabetos, como o italiano Arcanjo, percorrem a metrópole de ponta a ponta, “entra[m] nas casas comerciais, sobe[m] aos morros, percorre[m] os subúrbios, estaciona[m] nos lugares de movimento” (Rio, 2012, p. 72). Esses mercadores compravam os livros a preços baixos junto às livrarias, e revendiam com lucro de até seiscentos por cento (Rio, 2012). A profissão de mercador de livro tornava-se bastante atrativa e ganhava cada vez mais adeptos, conforme aponta o narrador da crônica.

Já os livros mais vendidos por tais comerciantes não agradam ao narrador, pois “ficam sempre os mesmos” (Rio, 2012, p. 75). A crítica que, inicialmente, parece dirigir-se à dificuldade dos leitores brasileiros em buscarem novas histórias, transforma-se, rapidamente, em uma crítica aos livros populares, sobretudo aqueles cujo enredo girava ao redor de algum crime. Segundo o narrador, desde 1840, os títulos mais vendidos se repetem, e são “ao todo uns vinte folhetos sarrabulhentos de crimes e de sandices” (Rio, 2012, p. 74). Para lamento do narrador, um livro cujo título é *Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquartejou sua própria mãe, Matilde do Rosário da Luz* vendia muito mais do que o *Cyrano de Bergerac*, peça escrita em 1897 pelo dramaturgo francês Edmond Rostand (1868-1918).

Na opinião do narrador, “a leitura de todos os folhetos deixa [...] a mesma impressão de sangue, de crime, de julgamento, de tribunal” (Rio, 2012, p. 74). O sucesso das narrativas literárias sobre crimes e medo se dava em um contexto no qual os jornais exploravam ao máximo esses temas, uma vez que eram de interesse dos leitores e, por isso, garantia de vendas e, conseqüentemente, lucro. Assim,

ao abrir as páginas impressas de um jornal diário do Rio de Janeiro de finais do século XIX, fica patente a importância dos crimes. Entre as notícias, histórias de pequenos roubos ou quadrilhas; homicídios (crimes de sangue) e, às vezes, algum crime ocorrido fora do Brasil era motivo de destaque (Porto, 2009, p. 32).

A divulgação constante das notícias sobre crimes nos jornais brasileiros, especialmente os cariocas, alinhava-se a um modelo internacional de expansão do sensacionalismo como forma de entreter e, além disso, alcançar bons números de vendas para os impressos. Na França, ao final do século XIX, periódicos cotidianos como o *Le Petit Parisien* levaram cada vez mais notícias de crimes às suas páginas, e realizaram modificações importantes nas estruturas dos relatos jornalísticos. Notas sobre assassinatos, por exemplo, anteriormente com cerca de três linhas informando apenas o lugar de nascimento da vítima ou o local onde ocorreu o óbito, passaram a ser relatos mais extensos e ganharam espaço nas páginas, constituindo artigos exclusivos com informações detalhadas tanto sobre a cena do crime quanto sobre a vítima.

Segundo Kalifa (2019), até o início da Primeira Guerra Mundial, em 1914, os periódicos franceses multiplicaram os espaços destinados aos relatos de crime em suas páginas. A ascensão dos *fait divers*, “notícia extraordinária, transmitida em forma romancada, num registro melodramático, que vai fazer concorrência ao folhetim e muitas vezes suplantá-lo” (Meyer, 1996, p. 98), faz com que sejam explorados relatos de crimes em diferentes formatos: “*fait divers*, romances policiais, gravuras, filmes ou canções” (Kalifa, 2019, p. 29), que cercam o leitor e o inserem em um contexto no qual o crime está por toda parte.

No Brasil, em especial na cidade do Rio de Janeiro em fins do século XVIII, Barbosa (2010) destaca as chamadas “notas sensacionais”, que introduziram uma nova forma de narrar as notícias sobre crimes. Relatos centrados em um crime em especial, antes curtos, ganharam edições sucessivas em forma de inquérito, e acompanhavam os desdobramentos do caso, quase como um romance folhetim. Assim,

a notícia policial se constrói alicerçada nos fatos que começam com o crime e nos anteriores, que levam a ele e que não estão necessariamente restritos sequer àquele fato. A reportagem contém duas histórias: a do crime e a de seus antecedentes, que englobam outras notícias semelhantes (Barbosa, 2010, p. 241).

O sucesso do crime nas páginas dos jornais torna o tema rentável e as adaptações desse formato se espalham, alcançando outras formas narrativas. Na França, Kalifa (2019, p. 51) destaca a ascensão de um tipo de narrativa na qual “se misturam romance criminal, romance judiciário e romance de detetive, ainda muito pouco distintos entre si”, mas que tinha o crime como principal elemento. No Brasil, Porto (2009) aponta as histórias de crimes reais que, além do espaço das notícias nos periódicos, passam a ser publicadas em novos formatos. O caso do desembargador Pontes Visgueiro⁴, por exemplo, ganhou, “em pouco espaço de tempo, gravuras e notícias nos periódicos, além de um romance e da publicação de partes do processo e julgamento com os debates entre os advogados em 1874” (Porto, 2009, p. 04).

O sucesso das narrativas sobre crimes – tanto no suporte jornal quanto nos romances de sensação lançados em livro – junto aos leitores cariocas foi também, em parte, resultado das mudanças ocasionadas pela vida moderna. As reformas feitas na cidade, o avanço da ciência e da técnica, os produtos chegados da Europa por meio dos transatlânticos, entre outras novidades, modificaram a relação do indivíduo com a urbe. Assim, segundo El Far (2004), o sensacional para esse cidadão era observar ou ler sobre as inovações técnicas introduzidas no espaço da cidade – bondes elétricos, telégrafos ou automóveis, que ofereciam benefícios, mas também causavam efeitos inversos. Nesse sentido,

⁴ Em 1873, o desembargador da Relação do Maranhão, José Cândido Pontes Visgueiro, já sexagenário, assassinou, de modo cruel, Maria da Conceição, sua amante, então com 15 anos. O julgamento do caso aconteceu em 1874 e Pontes Visgueiro admitiu o crime, mas alegou ter agido por ciúmes.

os acidentes com bondes, com fios de alta-tensão, os incêndios, os casos de corrupção, de assaltos e assassinatos, o colapso momentâneo da ordem, a falha das regras sociais e a vivência, mesmo que temporária, com o caos, atraíam todos os tipos de espectador (El Far, 2004, p. 120).

A tensão entre o espaço da cidade e a percepção do indivíduo esteve presente em diferentes narrativas, especialmente durante a *Belle Époque*, e, aliada ao crime, explorou a construção de um medo urbano. Em “Dentro da noite”, objeto deste artigo, a conversa entre Rodolfo e um amigo, na qual o rapaz conta os seus segredos, ocorre em um trem de subúrbio, em uma noite de chuva. O narrador, que finge dormir para ouvir o diálogo, descreve o espaço do trem:

O trem rasgara a treva num silvo alanhante, e de novo cavalava sobre os trilhos. Um sino enorme ia com ele badalando, e pelas portinholas do vagão viam-se, a marginar a estrada, as luzes das casas ainda abertas, os silvedos empapados d'água e a chuva lastimável a tecer o seu infundável véu de lágrimas (Rio, 2002, p. 18).

A descrição do espaço feita pelo narrador destaca uma confusão de sons (“silvo alanhante”, badalar de um sino e o barulho causado pela chuva), que desorientam os passageiros ao mesmo tempo que a chuva também impede a visão do lado exterior. Apenas as luzes das casas próximas aos trilhos podiam ser vistas por quem estava do lado de dentro e, dada a escuridão da noite, imagina-se que o contato da visão com tais luzes produziria um choque, contribuindo para a desorientação do indivíduo. O espaço do trem é o “*locus horribilis* do conto – um ambiente obscuro e enclausurado, intensificado, ainda, pela presença da tempestade ao lado de fora” (Sasse, 2016, p. 128). Esses elementos, combinados, evocam o medo na narrativa, pois

na literatura do medo, as descrições espaciais quase nunca pretendem ser meramente referenciais. Pelo contrário, costumam vir acompanhadas de adjetivações que não apenas informam o leitor sobre as características físicas, sensorialmente perceptíveis, dos locais, mas também contribuem para persuadir o leitor dos perigos inerentes àquele lugar (França, 2013, p. 76).

O ambiente claustrofóbico e assustador do trem, conforme descrito no conto “Dentro da noite”, encontrava correspondente no mundo real, no qual o leitor primário das narrativas de João do Rio vivia, pois os trens, em inícios do século XX, estavam em fase de implementação na cidade carioca e, por isso, ainda eram muito barulhentos e pouco seguros. Assim, a descrição sensorial feita pelo narrador, ao destacar a desorientação provocada pelo espaço, seria responsável também por construir o medo na narrativa, e

apoiava-se, ainda, nos medos e desconfianças do leitor em relação à cidade e à modernidade.

Dessa forma, a presença constante de notícias e relatos sobre crimes e também acidentes nas páginas dos jornais diários servia, ainda, para alarmar a população das cidades, já desconfiada das inovações técnicas advindas da modernização estrutural do espaço urbano. Assim, a metrópole moderna, entendida pela ideologia do progresso como sinônimo de civilização, converte-se em um espaço de medo e opressão, no qual o perigo está em toda a parte. Nesse entendimento da cidade moderna residem algumas das influências da estética decadentista que reverberam na produção literária de João do Rio. Moretto (1989) lembra que os decadentistas viam com desconfiança a modernidade e a cidade moderna. Assim, em “Dentro da noite”, a descrição do espaço evoca os medos urbanos dos leitores e, oculto dentro de um pavoroso trem de subúrbio, ia uma figura ainda mais horripilante: o psicopata Rodolfo.

Rodolfo, um psicopata civilizado

Rodolfo, protagonista e um dos narradores do conto “Dentro da noite”, “era um homem regular, de bons instintos, com uma família honesta. Ia casar com a Clotilde, ser de bondade a quem amava perdidamente” (Rio, 2002, p. 19). Porém, em uma noite, quando viu os braços nus da noiva, sentiu uma vontade repentina de “beijá-los, de acariciá-los, mas principalmente de fazê-los sofrer” (Rio, 2002, p. 19). Rodolfo, desde esse momento, passa a questionar a si mesmo sobre o porquê sentiu aquilo, bem como enfatiza a rapidez com que tal desejo se apossou dele:

— Foi de repente, Justino. Nunca pensei! [...] Era um estado que nunca se apossara de mim [...]. Fui ao encontro da pobre rapariga fazendo um enorme esforço, porque o meu desejo era agarrar-lhe os braços, sacudi-los, aperta-los com toda a força, fazer-lhes manchas negras, bem negras, feri-los... Porque? Não sei, nem eu mesmo sei — uma nevrose! (Rio, 2002, p. 19).

No excerto acima, Rodolfo descreve ao amigo como a sua “nevrose” começou, destaca a imprevisibilidade do episódio (“foi de repente”, “nunca pensei”), e busca entender as motivações que o levaram a desejar machucar os braços de Clotilde. Em nossa hipótese, tanto a imprevisibilidade quanto as motivações para a mudança de estado do rapaz ligam-se à perspectiva decadentista que permeia a obra de João do Rio. A rapidez com que se modifica o estado mental de Rodolfo indica a dificuldade em se encontrar uma explicação racional para o ocorrido, enquanto a busca da personagem em apontar as causas para isso coloca a consciência do indivíduo em destaque.

Nesse sentido, para Sasse (2016), Rodolfo busca compreender a si próprio e isso faz com que “Dentro da noite”, embora também trate sobre crimes (a prática sádica de espetar alfinetes nas moças, desenvolvida pelo protagonista), assuma contornos distintos dos modelos tradicionais de narrativas sobre crimes ou policiais da época. Isso porque, no conto objeto deste estudo, há uma preocupação em destacar “a progressiva degeneração moral e psicológica de Rodolfo” (Sasse, 2016, p. 129). Assim, a narrativa se detém antes no criminoso e nas motivações psicológicas de suas ações do que estas em si, que se apresentam como consequências de questões de outra ordem.

O foco na psicopatologia da personagem Rodolfo reverbera a relação entre o Decadentismo e as descobertas do Inconsciente, realizadas sobretudo por Edouard von Hartmann, filósofo alemão nascido em 1842 e uma das principais influências para os decadentes. Conforme a compreensão de Hartmann, o Inconsciente é o princípio Absoluto de realidade que domina o mundo e o indivíduo está à mercê de forças sobre as quais não tem nenhum controle. Assim, os decadentistas, sob a influência da Filosofia do Inconsciente, consideravam “a hipótese de um inconsciente, isto é, de uma atividade mental sendo realizada dentro da mente humana, mas sem o conhecimento da consciência e independentemente dela” (Pierrot, 1981, p. 120, tradução nossa). É dessa forma que consideramos o desespero de Rodolfo ante a impossibilidade de compreender o que ocorre com ele e porque não é capaz de controlar seus impulsos. Diz o rapaz:

Eu tenho um vício que é positivamente a loucura. Luto, resisto, grito, debato-me, não quero, não quero, mas o vício vem vindo a rir, toma-me a mão, faz-me inconsciente, apodera-se de mim. Estou com a crise. Lembras-te da Jeanne Dambreuil quando se picava com morfina? Lembras-te do João Guedes quando nos convidava para as *fumeries* de ópio? Sabiam ambos que acabavam a vida e não podiam resistir. Eu quero resistir e não posso. Estás a conversar com um homem que se sente doido (Rio, 2002, p. 18).

Rodolfo, nesse trecho, explica como o desejo de machucar Clotilde surge e toma conta dele. O processo ocorre contra a vontade do rapaz, ponto identificado inclusive a partir da estrutura da oração pois, em um primeiro momento, Rodolfo aparece como sujeito (“luto”, “resisto”, “grito”, “debato-me”) para, em seguida, tornar-se objeto nas mãos do que ele chama de “vício” (“toma-me a mão, faz-me inconsciente, apodera-se de mim”). O protagonista de “Dentro da noite”, desse modo, percebe a transformação psicológica pela qual passa, uma vez que seu estado regular e os bons instintos (Rio, 2002) vão sendo progressivamente substituídos por uma desordem mental, a qual o impulsiona a agir baseado apenas nos instintos, isto é, no desejo de machucar os braços de sua noiva. Tal desordem pode ser o Inconsciente, conforme delineado por Hartmann, que age como uma espécie de força sobre os indivíduos, fazendo com que estes precisem agir conforme seus desígnios.

A impossibilidade de Rodolfo em reagir e, de alguma forma, enfrentar as forças que o dominam, vai ao encontro também da filosofia de Hartmann, pois o Inconsciente, para o filósofo, se opõe à Vontade, o Absoluto de Schopenhauer, outro intelectual importante para o Decadentismo. Schopenhauer caracteriza a Vontade como um “impulso cego, força

inconsciente, instinto de vida” (Moretto, 1989, p. 18). Por isso, ainda que Rodolfo tente resistir, impulsionado pela sua Vontade, as tais forças – o Inconsciente, para Hartmann – dominam o rapaz e o tornam mero objeto.

Diante disso, uma de nossas hipóteses é de que as forças do Inconsciente agem sobre Rodolfo e, por isso, mesmo tentando, é impossível a ele resistir. Assim, embora consiga conter o impulso inicial de machucar os braços de Clotilde, em um segundo momento já não lhe foi mais possível e, deixando a vergonha de lado, o rapaz se aproveita da ingenuidade da noiva para sugerir que cravar alfinete nos braços da moça seria uma forma de perdoar o ciúme sentido por ele. Mesmo assustada, Clotilde cede, e Rodolfo entrega-se pela primeira vez ao vício:

Tirei da botoeira da casaca um alfinete, e nervoso, nervoso como se fosse amar pela primeira vez, escolhi o lugar, passei a mão, senti a pele macia e enterrei-o. Foi como se fisesse uma pétala de camélia, mas deu-me um gozo complexo de que participavam todos os meus sentidos. Ela teve um ah! de dor, levou o lenço ao sítio picado, e disse, magoadamente — “Mau!”

Ah! Justino, não dormi. Deitado, a delícia daquela carne que sofrera por meu desejo, a sensação do aço afundando devagar no braço da minha noiva, dava-me espasmos de horror! Que prazer tremendo! (Rio, 2002, p. 21).

Rodolfo relata, no trecho destacado, a satisfação sentida por ele quando logrou enfiar alfinetes nos braços da noiva. Há, na narração feita pelo rapaz, um elemento de cunho sexual: o toque no braço à procura do melhor lugar para enterrar o alfinete, o gozo sentido durante a perfuração, além da exclamação de dor por parte de Clotilde. A satisfação sexual de Rodolfo ante o ato criminoso (embora Clotilde aparentemente consinta, a sua submissão ao noivo a impede de fazer outra escolha que não seja aceitar a violência) reforça a perspectiva, defendida por Sasse (2016), de ser Rodolfo um psicopata, uma vez que estudos da área da psicologia sugerem um sentimento próximo à satisfação sexual como resultante do ato criminoso praticado por indivíduos acometidos por esse transtorno (Muribeca, 2017).

O rapaz seguiu enterrando alfinetes nos braços da noiva até que a família desta descobriu e rompeu o compromisso. Diante disso, Rodolfo passou a vagar pela cidade a procura de vítimas nas quais seria possível cravar, anonimamente, alfinetes nas moças e satisfazer seu desejo oculto:

Eu era ridículo e pavoroso. Dei então para agir livremente, ao acaso, sem dar satisfações, nas desconhecidas. Gozo agora nos *trams*, nos *music-halls*, nos comboios dos caminhos de ferro, nas ruas. É muito mais simples. Aproximo-me, tomo posição, enterro sem dó o alfinete. Elas gritam, às vezes. Eu peço desculpa. Uma já me esbofeteou. Mas ninguém descobre se foi proposital. Gosto mais das magras, as que parecem doentes (Rio, 2002, p. 24).

Rodolfo usa em seu benefício características da cidade moderna, tais como o trem e a multidão. Esta, em especial, permite ao sujeito esconder-se em meio aos transeuntes e, em virtude disso, não ser facilmente identificado. Nesse sentido, a metrópole moderna favorece a existência de tipos como Rodolfo, uma vez que facilita e encobre a sua atuação. Percebemos, novamente, uma perspectiva negativa a respeito da modernidade e da metrópole moderna, uma vez que seriam elas as responsáveis por sustentar sujeitos como o protagonista de “Dentro da noite”.

Contudo, embora Rodolfo seja caracterizado como uma espécie de psicopata, é um psicopata civilizado, pois “contenta-se com enterrar alfinetes nos braços” (Rio, 2002, p. 21). Em nossa interpretação, caracterizar Rodolfo como um psicopata civilizado marca uma importante diferença entre a literatura de João do Rio e os romances de sensação mais populares do período. El Far (2004) lembra que estes continham, com frequência, descrições detalhadas de mortes chocantes repletas de sangue, enquanto a personagem de João do Rio satisfaz-se apenas cravando alfinetes nas moças. O escritor carioca opera, com isso, uma espécie de jogo discursivo, no qual enfatiza constantemente as diferenças entre a sua literatura e aquela considerada “popular”. Além da ação comedida, por assim dizer, de Rodolfo, a preocupação constante com a caracterização psicológica do protagonista – influência direta do Decadentismo – concede à narrativa a possibilidade de evitar a violência gratuita, uma vez que se importa antes em encontrar as causas para explicar (ou tentar explicar) as ações do rapaz.

Em nossa leitura, João do Rio compõe seus escritos de modo a assinalar diferenças entre a sua literatura e os romances de sensação, populares entre o final do século XIX e o início do XX. Por isso, embora tenha empregado elementos característicos dos romances de sensação a fim de alavancar as vendas de seus livros (em especial, de *Dentro da noite*), o escritor carioca buscava manter um discurso capaz de desvinculá-lo das narrativas populares, inclusive criticando-as publicamente, como no caso da crônica que destacamos na seção anterior.

Considerações finais

O objetivo principal deste artigo foi analisar o conto “Dentro da noite”, publicado no livro de mesmo nome, de autoria de João do Rio, considerando a interlocução entre a narrativa em questão, as ficções sobre crimes e a estética decadentista, que reverbera na obra do escritor carioca. Para isso, refletimos inicialmente sobre a ascensão e a consolidação da imprensa, que possibilitou a profissionalização dos escritores, ou seja, estes, assimilados pelos jornais, tinham seu sustento ligado diretamente à quantidade de livros vendidos. De outra parte, o número de leitores, especialmente na cidade do Rio de Janeiro, entre o final do século XIX e o início do XX, crescia, e o livro tornava-se um importante meio de entretenimento.

Os jornais, em fins de Oitocentos, passaram a diversificar sua linha editorial e investiram nas notas sensacionalistas, entre as quais o crime ganhou destaque. Antes notas rápidas, as notícias sobre crimes se tornaram artigos mais longos, nos quais explorava-se ao máximo as informações sobre casos de crimes reais. Estes, inclusive, transformaram-se também em narrativas ficcionais, pois foram incorporados pelos chamados romances de sensação, obras de grande sucesso editorial no período. Aproveitando-se das desconfiças dos indivíduos em relação à cidade moderna, as narrativas sobre crimes consolidaram-se junto ao público leitor ao explorar o medo urbano.

João do Rio, no conto “Dentro da noite”, apropria-se dos elementos das narrativas sobre crime e medo ao narrar a conversão de Rodolfo, antes noivo e trabalhador, em um psicopata que se aproveita da noite e da multidão para cravar alfinetes nos braços de suas vítimas. Rodolfo, descrito como um psicopata civilizado, uma vez que goza apenas por cravar alfinetes em moças aleatórias no meio da multidão, é entendido, na narrativa, como uma espécie de produto da modernidade e da cidade moderna. Tal perspectiva decorre da estética decadentista que perpassa a obra de João do Rio, e encaminha a narrativa para uma discussão sobre a psicologia da personagem, retomando a noção de Inconsciente elaborada por Hartmann.

“Dentro da noite”, mais do que tratar sobre os crimes de Rodolfo, busca entender o que levou o rapaz a se tornar um psicopata. O conto evita, dessa forma, a exploração da violência e as descrições sanguinolentas tão características dos romances de sensação da época, e permite a João do Rio afastar sua imagem da de outros autores de livros populares. Contudo, a incorporação da figura de um criminoso e a construção do medo urbano na narrativa a tornam também atraente aos leitores que preferiam os livros populares, e possibilitam ao escritor alcançar bons números de vendas, equilibrando, assim, as influências decadentistas e a incorporação dos temas sensacionalistas para fazer de seu livro um sucesso editorial.

Referências

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil - 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, v. 28, n. 01, p. 285-312, jan. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YPhJsPY6SbJFKByW7SKsBZj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 26 abr 2022.

FRANÇA, Júlio. A alma encantadora das ruas e Dentro da noite: João do Rio e o medo urbano na literatura brasileira. *In*: GARCIA, Flávio; FRANÇA, Júlio; PINTO, Marcello de

Oliveira (Orgs.). **As arquiteturas do medo e o insólito ficcional**. Rio de Janeiro: Caetés, 2013. p. 73-85.

KALIFA, Dominique. **A tinta e o sangue**: narrativas sobre crimes e sociedade na Belle Époque. Trad. Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

MENDES, Leonardo. Álbum de Caliban: Coelho Neto e a literatura pornográfica na Primeira República. **O eixo e a roda**, Belo Horizonte, MG, v. 26, n. 3, p. 205-228, set. 2017. Disponível em:
http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/11898#:~:text=Entre%201897%20e%201898%2C%20os,literatura%20pornogr%C3%A1fica%20na%20Primeira%20Rep%C3%ABlica. Acesso em: 11 abr 22.

MEYER, Marlyse. **Folhetim**. Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. **História da Literatura Brasileira**: prosa de ficção – de 1870 a 1920. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

MORETTO, Fulvia M.L. Introdução. In: MORETTO, Fulvia M.L. (Org). **Caminhos do Decadentismo Francês**. São Paulo: Perspectiva, 1989. p. 13-34.

MURIBECA, Maria das Mercês Maia. Psicopatia, violência e crueldade: agressores sexuais sádicos e sistemáticos. **Estudos psicanalíticos**, Belo Horizonte, MG, v. 1, n. 48, p. 157-165, jul. 2017. Disponível em
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372017000200016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 26 abr. 2022.

PIERROT, Jean. **The decadent imagination**. 1880-1900. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

PORTO, Ana Gomes. **Novelas sangrentas**: literatura de crime no Brasil (1870-1920). 2009. Tese (Doutorado em História Social da Cultura) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009. Disponível em:
<https://www.ifch.unicamp.br/ifch/novelas-sangrentas-literatura-crime-brasil-1870-1920>. Acesso em: 15 fev. 2022.

RIO, João do. **Dentro da noite**. São Paulo: Antiqua, 2002.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

SASSE, Pedro Puro. **Terror e crime na literatura brasileira finissecular**. 2016. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2016. Disponível em:
<https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/6839>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SILVA, Maurício. A cidade de papel: transformações modernizadoras, sociedade e cultura literária no Rio de Janeiro da Belle Époque. In: NEGREIROS, Carmen; OLIVEIRA,

Fátima; GENS, Rosa (orgs.). **Belle Époque**: a cidade e as experiências da modernidade. Belo Horizonte: Relicário, 2019. p. 121-134.